



Seremos capazes

A. Domingues de Azevedo

Ao ouvir a notícia que Portugal se situa no 7.º lugar, a nível mundial, e na 2.ª posição no *ranking* dos países da União Europeia onde mais se evoluiu com o governo electrónico, confesso-vos que senti um enorme orgulho. Orgulho não só por ser português mas, acima de tudo, por ter a responsabilidade de representar uma classe profissional que, indiscutível e decisivamente, contribuiu e aceitou o risco de ser a primeira a comprovar que com o seu esforço, empenho e dedicação era possível fazer diferente e melhor.

Revi as longas conversas que mantivemos com Luísa Teixeira e o então director-geral da DGITA, Cavalheiro Dias, grandes entusiastas da implementação da desmaterialização das declarações fiscais.

Recordei-me da celeberrima reunião no 17.º andar do edifício Satélite com o então secretário de Estado dos Assuntos Fiscais, António Carlos dos Santos, o director-geral dos Impostos, Nunes dos Reis e todos os subdirectores-gerais, onde foram apresentadas as ideias mestras para a desmaterialização.

Recordo os olhares incrédulos de muitos dos presentes e a fé inabalável de outros. Recordo o entusiasmo de Luísa Teixeira e o testemunho de Campos Cunha sobre as potencialidades do projecto.

Recordo os testes efectuados nos *scanners* do SAIVA, com o novo sistema de vinhetas, para a sua leitura automática.

Recordo o grande interesse e envolvimento da SIBS nas ideias da Câmara, através de Manuel Teixeira. Recordo as reuniões preparatórias para a desmaterialização da declaração modelo 22 com o subdirector-geral Castro e os directores de serviços Manuel Meireles e Joaquim Petisca.

Recordo a forma prática e eficiente como João Durão preparou a primeira portaria que tornou obrigatório o envio das declarações do IVA pela Internet.

Lembro todos estes momentos com certa nostalgia, mas acima de tudo com enorme satisfação, porque um punhado de profissionais a quem a sociedade ainda hoje teima em não reconhecer o seu esforço, saber e dedicação, foi capaz de operar uma das mais profundas e sérias transformações que a nossa sociedade viveu nas últimas décadas.

Poderá haver a tentação de minorar a responsabilidade do projecto, mas se pensarmos que ele envolve a fonte fundamental de toda a dinâmica social, cumprimento dos deveres de cidadania, facilmente se conclui que, em termos relativos, envolve muito mais responsabilidade do que a de alguns sectores onde estas tecnologias têm sentido enormes resistências na sua implementação.

Por tudo isso, até pelos riscos que o próprio projecto envolvia, atenta a especificidade dos Técnicos Oficiais de Contas, julgo que todos os profissionais estão de parabéns e, goste-se ou não, escrevemos uma página memorável na nossa história colectiva.

História de trabalho, empenho e dedicação que nos honra e orgulha. Tenhamos nós a arte e o engenho de encontrar novos desafios. Não tenho dúvidas que seremos capazes de responder de forma positiva. ■